

## **Gênero, identidade e docência: dilemas e desafios**

**Lélia de Cássia Faleiros**

**Dra em Educação/FEUSP**

### **Introdução**

*Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso,  
digo para mim mesmo (...) que preciso mudar de ponto de observação,  
buscar outros conhecimentos.*

Ítalo Calvino

Este artigo trata-se de uma pesquisa teórico - prática cujo propósito principal é oferecer uma leitura das representações sobre questões de gênero e construções das identidades docentes, a partir dos discursos de homens-professores sobre seu pensar e seu agir no espaço escolar. Compreender o cenário educativo, por intermédio do olhar masculino pode nos possibilitar compreender o imbricado e polêmico intercruzamento entre gênero, identidade e docência.

Parte-se da hipótese de que a leitura dos fenômenos relacionados às questões de gênero, pelo viés da assimetria e da oposição entre lugares ocupados por homens e mulheres, em uma dada sociedade, especialmente em determinados segmentos sociais – no estudo em pauta, na docência –, não só tem ignorado as transformações ocorridas nos papéis atribuídos a homens e mulheres, mas também desconsiderado a realidade das sociedades pós-modernas em relação às quebras das dicotomias ainda remanescentes.

O estudo das relações de gênero, na educação, é um campo novo de exploração que merece aplicação cuidadosa e impõe desafios – não só na escolha dos eixos de articulações, e nas suas interfaces, mas, sobretudo, na possibilidade de vislumbrar um espaço novo em relação à produção já realizada nos últimos tempos.

A grande entrada para os estudos de gênero é feita pelo campo da Antropologia e da Sociologia. As contribuições da História Social e as transformações ocorridas, a partir da década de 60, com a explosão do feminismo, foram, sem dúvida, fatos cruciais que promoveram avanços no interesse por esse tema.

O movimento feminista procurou, em suas ações iniciais, reconstruir a identidade da mulher, dando-lhe um significado político e social – até então não considerado – e, na mesma empreitada, buscou denunciar a diferença sexual concebida como explicação e, conseqüentemente, como razão da desigualdade entre homens e mulheres. Contudo, à medida que as investigações proliferavam, multiplicavam-se os recortes que definiriam o conceito de gênero. Tal movimento em prol da inserção da mulher no campo do conhecimento e da sua visibilidade como objeto e sujeito da história foi, incontestemente, o marco inaugural desse olhar sobre gênero. Isso nos ajuda a pensar por que o uso do conceito gênero sempre esteve ligado à questão da diferença sexual. Embora essa diferença seja concebida por alguns estudiosos como uma construção social, a divisão binária entre homens e mulheres, colados em seus supostos gêneros, parece oferecer ruídos para muitos teóricos.

Optamos, assim, em nosso estudo por um recorte que avança no sentido de problematizar questões que extrapolam o suposto gênero feminino. Não está mais em pauta o tema tão estudado e divulgado da feminização da docência, nem a tentativa de desconstrução da hegemonia do gênero masculino sobre o feminino, para garantir uma igualdade política e social. Para além de uma suposta igualdade, equidade e/ou supremacia de gênero, nosso pensamento volta-se para a docência na voz de um de seus atores: o homem. O que têm os homens a dizer sobre o exercício dessa profissão? Como escolheram essa profissão? Como se vêem inseridos, hoje, nesse campo profissional? Quais as atribuições descritas como necessárias para sua função? Quais suas expectativas profissionais? Que significados tecem, a partir desse lugar, sobre as questões de gênero?

Assim vamos nos deter nas representações de “professores-homens” sobre o seu trabalho na escola para pensar sobre a docência para além da simples presença do sexo feminino.

Para sustentação de nosso recorte neste estudo, buscamos a aproximação com alguns teóricos da Sociologia e inserimos em nosso pensar sobre gênero e identidade docente a tônica da chamada perspectiva da “crise”, tão imperiosa no mundo atual.

No avesso do que apregoam as discussões atuais sobre as mais diversas crises – apontadas como processo de esvaziamento, declínio ou quebra de valores –, buscamos outra direção, inspirada nos trabalhos de Melucci (2001), Charlot (1996) e Vianna (1999)

que consideram tais movimentos críticos – no campo educacional – como processos de reconfiguração, como pontos de tensão entre passado e presente: de um lado, marca declínio; de outro, sinaliza mutação.

Assim, a chamada “crise” da Educação e a tão discutida “crise de identidade” do homem contemporâneo passam ser focos de atenção paralela na busca de ressignificações e de outros discursos acerca da docência e suas possibilidades de gênero.

### **Sobre o conceito de gênero**

*Aquilo que sabemos do corpo  
Constitui um conhecimento cultural.  
A sociedade constrói as formas pelas quais  
Os corpos irão se expressar em masculino e feminino.  
Scott*

Trabalharemos com o conceito de gênero na direção perscrutada, principalmente por Scott, que considera o gênero como algo construído no âmbito das relações sociais. Construção que passa a ser percebida não mais pelas características sexuais observadas, mas pela forma como estas características são elaboradas, e o que se diz sobre elas em uma dada sociedade, em determinado momento histórico.

Essa proposta mais plural – que rompe as explicações fáceis e unívocas e que considera uma multiplicidade de identidades – tem sido considerada por estudiosos que, como Scott, buscam ultrapassar o uso descritivo do gênero, sobretudo por acreditarem que esse uso fica restrito ao estudo de elementos relativos às mulheres e não tem, portanto, grande força de análise e de mudança paradigmática.

Desse modo, assumimos o gênero

em sua acepção mais abstrata, denotando, não mais “feminino” ou “masculino”, mas diferenças postas em relação no interior de um sistema cultural e socialmente dado; (...) nesta acepção proposta, [gênero] não é algo relativo a papéis sexuais desempenhados por homens e mulheres, mas uma relação diferencial construída que pode se incorporar em homens, em mulheres. (Gonçalves, 2000, p. 35).

O desafio é romper o esquema binário, em que o masculino e o feminino se constroem na oposição; é desmontar a lógica linear do pensamento tradicional, baseada num esquema patriarcal, que dificulta a percepção e a construção do mundo de outras formas; é mostrar que as chamadas oposições binárias são históricas e socialmente construídas; é rejeitar o caráter fixo e permanente dessa oposição em termos de diferença sexual, dando visibilidade aos sujeitos diferentes.

A desconstrução da polaridade masculino/feminino poderá ser útil para desmontar a lógica binária que rege outros pares de conceitos a ela articulados – público/privado, produção/reprodução, cultura/natureza etc. No processo de desconstrução, é necessário atentar para o fato de que o oposto da igualdade é a desigualdade, ao invés da diferença. Ao lado da proposta de desconstrução está a de construir a lógica da diferença – como elemento positivo, pautado na identidade e sem a desigualdade –, considerando a diferença dos termos, mas mostrando que um está presente no outro e, portanto, ambos podem ser equivalentes. As diferenças entre homens e mulheres, ao se afirmarem, rompem a unidade, impossibilitando a existência de uma identidade masculina e de uma identidade feminina. Elementos como classe, etnia, religião, idade etc. atravessam a pretensa unidade de cada elemento do par, transformando em múltiplo o sujeito – masculino ou feminino – pensado no singular.

## **Sobre o conceito de identidade**

*A identidade não é um dado adquirido,  
Não é uma propriedade, não é um produto.  
A identidade é um lugar de lutas e de conflitos,  
É uma construção de maneiras de ser e de estar na profissão*  
Antônio Nóvoa

O conceito de identidade sempre foi alvo de atenção de vários campos do conhecimento, em especial da Psicologia e da Sociologia. De definição complexa, sua enunciação é tão problemática quanto a de gênero. São inúmeras as dificuldades inerentes à apreensão desse fluido conceito que, sem dúvida, nos recoloca num terreno movediço.

Assim como os estudos de gênero estão ancorados em abordagens deterministas, essencialistas e construcionistas podemos encontrar, nas bases da discussão sobre os

processos envolvidos na construção da identidade, um campo de tensão entre as chamadas perspectivas essencialistas ou deterministas e as não-essencialistas ou construcionistas. A primeira concebe a identidade como um conjunto homogêneo de características compartilhadas por todos os indivíduos daquela categoria. As não-essencialistas atêm-se às diferenças, às mudanças e às características comuns partilhadas entre os iguais. Essa última abordagem preocupa-se com a forma como as chamadas identidades são construídas e como vão mudando ao longo do tempo.

Destacamos que o essencialismo fundamenta suas concepções na História e na Biologia, ou seja, nos movimentos étnicos, religiosos ou nacionalistas e buscam, com frequência, uma cultura e uma história para fundamentar a identidade ou assumem uma base biológica para a explicação da identidade sexual.

Entendemos que as concepções essencialistas são demasiadamente simplistas e redutoras, uma vez que não permitem pensar na identidade como um processo dinâmico de constantes reformulações e deslocamentos, e ignoram seu caráter histórico e social.

Em outra via, deparamos com uma segunda perspectiva de abordagem – o construcionismo –, que marca fortes divergências em relação ao essencialismo. Eixo que se liga ao pensamento pós-estruturalista, e condena, a priori, qualquer noção de metanarrativas como totalizantes e universais. Esse olhar preocupa-se, sobretudo, com a desconstrução dos quadros de referência que se baseavam na estabilidade e centralidade do sujeito no mundo social.

A idéia de que os âmbitos sociais e psíquicos se articulam na constituição da identidade dos sujeitos é continuamente considerada, por essa corrente de estudiosos, no campo da Sociologia e da Psicologia.

O que merece destaque, neste foco construcionista, é a idéia de que as identidades são sempre construídas, não são dadas a priori. Segundo Louro,

não é possível fixar um momento – seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (1997, p. 27).

Assim, podemos pensar nas identidades como sendo sempre construídas numa relação social, e sempre inacabadas. As identidades de gênero também podem ser pensadas de forma semelhante, como algo em contínua construção e transformação.

Vale destacar, dentro deste raciocínio que os sujeitos vão se tornando masculinos ou femininos, mexendo em seus lugares sociais e nas suas formas de ser e estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios. (Louro, 1997, p. 28).

Vimos que a modernidade sempre trabalhou com a organização de identidades fixas, com a idéia de **ou ou**; o pós-moderno permite-nos pensar que nada é definido, nem mesmo as identidades, e que a equação deve ser reescrita por combinações **e e** e não **ou ou**. (Santos, 1986).

A proposta de desconstrução da polaridade masculino/feminino torna-se, desta forma, um exercício que visa a quebrar a lógica binária e oposicionista. Lógica que classifica e coloca homens e mulheres desempenhando papéis que se apresentam como “naturalmente” inscritos no suposto conhecimento cultural do que é típico dos homens e do que é típico das mulheres. Ao rejeitar o caráter fixo e permanente dessa oposição, evidenciamos seu caráter histórico e socialmente construído.

Assim, enfrentando o “demônio terminal”– no qual vimos à identidade e, por conseguinte, o gênero, como entidades fixas e como fenômenos da natureza –, aproximamo-nos do “anjo anunciador”, que permite um olhar plural, possibilitando transitar pelo conceito de identidade, em suas várias facetas, como um caleidoscópio que compõe e recompõe, a cada movimento, uma imagem que sempre agrega aspectos subjetivos e sociais.

Para Lamas, é preciso pensar para além do gênero. Pensar além do gênero é chegar a uma postura antiessencialista: não existe homem “natural” ou mulher “natural”.

Numa síntese sobre a formação da identidade, poderíamos destacar alguns importantes elementos imprescindíveis em nosso estudo: a identidade é relacional; é marcada pela diferença; diferença que não é desigualdade nem exclusão. Ou, ainda, valendo-nos da síntese de Silva (2000, p. 96)

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definida, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreita conexão com relações de poder.

Destarte, podemos vislumbrar – por meio dessas considerações acerca das concepções pós-estruturalistas e construcionistas – uma nova entrada aos estudos relativos ao tema identidade e gênero. Neste sentido, surge um complexo campo de possibilidades para encaminharmos o tema a ser desenvolvido: gênero, masculinidades e docência.

### **Transformações nas relações de gênero**

Vimos que as questões relativas à formação da identidade, como criações culturais, são complexas, se consideradas sob o enfoque da historicidade, do contexto sociocultural no qual as identidades são construídas. Não mais concebida como estanque e fixa, a identidade e, em especial, a identidade de gênero, passa a ser concebida como processo em constante transformação, constituindo um importante elemento organizador da experiência do sujeito e das relações sociais por ele estabelecidas.

A sociedade contemporânea oferece um leque de possibilidades para pensarmos em outras configurações das identidades, para “além dos antigos padrões” que enquadravam o sujeito ou numa posição masculina ou numa posição feminina e, obviamente, ditavam normas de condutas e papéis a serem assumidos.

Atualmente, encontramos, em alguns estudos, a construção de novos saberes sobre o masculino e o feminino. Não é possível atribuir, em caráter fechado, características específicas ao feminino e ao masculino. Ser cuidadosa, zelosa, alimentadora, sensível, exibicionista – expectativas em torno do comportamento feminino – são características colocadas em discussão.

Se havia uma demarcação clara, como ponto de partida, para se definir o masculino e o feminino, hoje o que se percebe é um cenário fragmentado e de muitas entradas, o que leva estudiosos às mais diversas explicações: da “crise de identidade” à inversão sexual. Interessa-nos compreender – dentro das complexas determinações políticas, econômicas e sociais – as enredadas teias de representações e de construções simbólicas que inscrevem sujeitos masculinos em relações sociais e em identidades profissionais.

Assim, o processo de construção de identidades dos sujeitos contemporâneos é um espaço cada vez mais plural, de múltiplas referências identitárias, que valoriza a ambigüidade, a fragmentação e a indefinição. Dentro deste cenário, podemos falar de grandes modificações dos papéis tradicionais de homem e mulher.

Assistimos a um movimento cada vez maior de mulheres que não só ocupam posições sociais estrategicamente conferidas a homens, mas se comportam como tal, assim como encontramos homens que se permitem apropriar-se dos “afazeres de mulheres”. Os mesmos desejos e as mesmas experiências parecem transitar em ambos os universos – masculino e feminino. Vivemos, portanto, momentos de tensão da convivência entre novos e tradicionais modelos de masculinidade e feminilidade.

Resta-nos indagar como, no exercício da docência – profissão tida como basicamente feminina –, homens-professores podem construir novos processos de (des)construção de masculinidade, novas possibilidades de “ser homem” de um jeito diferente, apropriando-se das dimensões tradicionalmente delegadas às mulheres: afeto, cuidado, descontração, amizade etc.

Se o processo de socialização interfere na forma como homens e mulheres se relacionam, interfere também na escolha da profissão e na maneira de exercê-la. Vale perguntar: que “masculino” é esse que se revela em comportamentos que eram, até recentemente, característicos do “feminino”?

Vale também investigar, a partir das vozes masculinas, como as identidades profissionais docentes estão sendo construídas; como o entrecruzamento das suas características pessoais, biográficas e seu desenvolvimento profissional acontecem; quais os

maiores conflitos dentro deste processo de “tornar-se professor”; e como o professor se vê, hoje, na tarefa de ensinar.

### **masculinos e femininos plurais: da manutenção à ruptura**

As representações dos professores – acerca da escolha da profissão, das concepções sobre o que é ser professor, das facilidades e dificuldades encontradas no contexto educativo e das diversas vivências dentro desse campo – remetem-nos a uma teia de fragmentos discursivos, que parecem compor um complexo mosaico de sentidos e de significados relativos às questões de gênero e de identidade docente.

Ao falar sobre a escolha profissional, podemos observar que, apesar de diferentes trajetórias de vida e de formação, a opção pela docência é descrita por um viés que articula a certo gosto e a certa identificação com a disciplina elegida, o que sinaliza um caminho diferente daquele encontrado em alguns estudos realizados com mulheres. Nesta população, a opção pela docência surge, quase sempre, colada à decisão familiar, à possibilidade de trabalho que contempla duas atividades antagônicas – casa e escola –, ou à forte ligação de características e comportamentos reputados como femininos – cuidado, paciência, sensibilidade – com a docência.

Em torno da imagem desse professor circulam novas atribuições, até então conferidas ao universo feminino ou ao lugar da mulher na docência. A formação global do aluno e a possibilidade de um investimento nas relações compõem o novo foco de atenção do professor.

As expectativas do professor parecem sofrer modificações. O professor espera de seus alunos mais do que resultados em termos de notas. Preocupa-se com suas posturas e hábitos. Os lugares do professor e do aluno sofrem modificações. O lugar docente encontra-se marcado por uma idéia de parceria com o aluno, no processo de aprendizagem. Se no passado tudo era previsível e, portanto, controlável, hoje as variáveis liberdade e questionamento são vistas como ganhos e, em algumas situações, como obstáculo.

A sensibilidade – característica apontada pelos professores, em outras falas, como traço feminino – é aqui endossada como um aspecto importante na formação do profissional docente.

Embora a disciplina seja racional, acho que um pouco do meu êxito em lidar com o aluno, sendo um professor de Matemática, é que consigo falar de outros assuntos, obviamente acabo não atingindo os 100 por cento, falhas existem, né! mas você tem que ter a sensibilidade para perceber isso a cada dia, e tentar resolver o problema que aparece

O professor não é mais um simples detentor do saber, e sua imagem fica impregnada de descrições afetivas e de traços de personalidade. A atenção do professor avança, deste modo, para além do cognitivo, e seu olhar percorre outro conceito de criança e de aluno, que engloba uma dimensão relacional mais ampla.

As representações apontam para um processo de ressignificação da identidade docente: mudanças no cenário educativo delineiam novas posições e novas identidades. Os discursos apontam para as grandes transformações na função e no olhar do professor sobre o aluno e sobre seu trabalho. O que merece destaque, contudo, é a forma como as relações de gênero transitam na composição dessa nova subjetividade docente, e que parece albergar diferentes significados de masculino e feminino.

O que capturamos nos relatos permitiu-nos trilhar por outras direções e por outros sentidos. Se uma voz atribui o processo de desvalorização da docência – do ponto de vista de gênero – à presença feminina em seu interior, outra voz, ainda não reconhecida, ainda não legitimada pela categoria docente e pela cultura, parece produzir um contexto mais híbrido e mais flexível nestas relações, permitindo que o homem possa – em sua atuação, presença e participação nesse cenário – valer-se dessas características femininas, sem perder sua masculinidade.

A desnaturalização da feminilidade e da masculinidade aparece como outra tentativa de sustentar, de forma diferente, a presença do homem em disciplinas como Português e Artes.

Características como “emoção” e “sensibilidade”, convencionalmente atribuídas às mulheres, aparecem transitando livremente no universo masculino, sem interferir na masculinidade.

As representações em torno desse abundante olhar sobre o afetivo, como um elemento que compõe o ato educacional, levam-nos a uma leitura sob diferentes ângulos. Defendemos a idéia que parece corroborar com estudos como os de Carvalho (1999) e de

Couto (2003), que enfatizam a docência como uma atividade relacional, em que estão presentes, além do conteúdo e das estratégias pedagógicas, a pessoa do professor e a pessoa do aluno. Essa interação entre os sujeitos passa por dimensões existenciais afetivas. A partir desse conjunto de idéias, podemos construir um olhar que entende a docência para além do feminino e da presença de mulheres.

Afetividade que, neste contexto educacional, significa “atenção”, “olhar”, “ouvir”, “tocar” e “aproximar”. Elementos que, sem dúvida, endossamos como necessários e imprescindíveis para toda e qualquer relação educativa.

Para além das contradições encontradas na interação dessas duas instituições, é importante destacar a necessidade de se atentar para outras questões que ultrapassem meras interrogações excludentes, tais como: A quem compete a afetividade? É uma característica exclusiva das mulheres? Deve ou não ser contemplada na escola? Deve ser preocupação só da família? Em que proporção as relações afetivas devem acontecer em ambas instituições?

O que não podemos perder de vista é o nascimento de outra organização de idéias, que busca a livre circulação da afetividade em toda e qualquer ação educativa.

Usando a mesma expressão de um professor “alguns paradigmas precisam ser quebrados” –, podemos ler esse movimento de sobrecarga de funções, principalmente no que diz respeito aos aspectos relacionais e afetivos, como um momento de reconfigurações e, por que não dizer, de conflitos e crises entre essas duas instituições – família e escola. Reconfigurações, conflitos e crises que ocorrem em todas as esferas da vida humana diante das novas exigências do mundo pós-moderno.

Os discursos estão impregnados da idéia de “crise”, que sempre circula como tentativa de justificar os insucessos ou as dificuldades encontradas tanto na prática educativa como nas relações estabelecidas no ambiente escolar e na formação da identidade docente.

Algumas pistas, entretanto, permitem-nos pensar que a chamada “crise da educação” e “crise da identidade docente” não significam, necessariamente, o que a expressão sugere – ruptura, deficiência ou falta; ao contrário, apontam para um leque de novas configurações – abertura, pluralidade, excessos.

Podemos destacar, a partir desse trecho, a idéia de mudança, de livre trânsito, de fronteiras que se esgarçam e de funções que se misturam. A afirmação de que a escola sempre foi vista como um estabelecimento da razão ajuda-nos a compreender por que é ainda tão difícil ver afetos circulando em seu interior e, no mesmo raciocínio, por que é tão difícil albergar o homem-professor num espaço até então considerado moradia do feminino.

Vimos que a docência não escapou ao campo da linguagem, e foi historicamente erguida mediante conceitos, símbolos e códigos considerados femininos, sob a égide do discurso patriarcalista. Vimos a mulher assumir o lugar docente, e esse lugar dizer-se feminino. Há muito tempo, e sob poucos questionamentos, essa atividade é interpretada como decadente e em crise, desvalorizada e pouco reconhecida. E entre os fatores apontados para justificar esse fenômeno destaca-se o ingresso volumoso de mulheres neste cenário.

Os discursos dos professores sobre seu pensar e agir no espaço escolar levaram-nos ao imbricado entrecruzamento entre identidade, gênero e docência, oferecendo um retrato dos múltiplos significados de gênero aí tecidos por esses atores institucionais. Encontramos em suas falas interjogos de manutenção dos significados tradicionais, e ardilosas manobras de ruptura ou tentativas de rompimento. A compreensão do mundo, feita pelo homem, parece atravessada pelo uso de pares de conceitos. As descrições sobre o que é ser homem e o que é ser mulher contêm, desde sua gênese, uma estruturação de oposições binárias e polarizadas, desconhecendo quaisquer outras possibilidades.

Contudo, vemos hoje a celebração das transformações dos corpos e as transgressões dos gêneros como importantes eventos da contemporaneidade. Assumindo que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram, entendemos que é impossível lidar com elas apoiados em esquemas binários. A ambigüidade tornou-se uma constante e a multiplicidade de posições é constituída por e constituinte de profundas mudanças teórico-metodológicas. Mudanças que são lidas como crises.

Se pensarmos nos significados tradicionais de masculinidade e feminilidade, podemos antever que o contato com as emoções e a atenção aos vínculos são elementos supostamente afeitos à esfera feminina. Porém, o que recolhemos neste estudo veio na contramão desse olhar, corroborando a idéia de que as representações de masculinidades e feminilidades estão em processo de mudança.

Encontramos muitas fissuras nos modelos tradicionais de feminino e masculino, e grandes entradas que levam à desconstrução dos significados femininos que ligam o cuidado e o afeto às mulheres, e estabelecem a relação entre essas características e a docência. Os homens-professores vêm-se hospedando em suas identidades aspectos e características considerados femininos, sem perderem, nesse dinamismo, sua masculinidade.

Destarte, na pluralidade das formações de identidade e na complexidade do campo educacional – em suas mudanças e transformações –, é possível garimparmos, no reverso das falas desses homens-professores, afirmações relativas ao fato de a formação do docente e a construção de sua identidade profissional viverem momentos de profundas ressignificações, em relação às construções e às articulações entre o gênero e a docência.

Entendemos, portanto, que todas as identidades, e entre elas a identidade docente, têm sofrido grandes transformações e novas reconfigurações. Assim, vemos que o trabalho docente já não se sustenta como algo solidamente edificado em torno de papéis e atribuições considerados, pela sociedade, como femininos.

A tensão verificada nos significados masculinos e femininos parece organizar um novo cenário, uma outra identidade docente que, de modo contraditório, carrega sinais de reprodução da visão tradicional, mas também comporta marcas de ruptura. Nesta perspectiva de mudanças, encontramos fraturas e brechas, desterritorializando e deslocando concepções sobre a docência, como atividade feminina, e sobre as vozes que corporificam o feminino com uma única roupagem.

Dessa forma, a sensibilidade e a afetividade desprendem-se da mulher-professora e, paulatinamente, são vistas como atributos necessários aos homens que se dedicam a essa profissão. O espaço escolar não é mais visto como lugar de relações formais, mas está caracterizado como um lócus de relações interpessoais em que a qualidade dos vínculos afetivos que se estabelecem são decisivos nos resultados finais.

Na multiplicidade das representações obtidas, constatamos um nítido movimento de tensão e de conflito quando o foco é a identidade docente e de gênero. Parece que a certeza e a força de um discurso aparentemente tão canônico – educar é coisa de mulher; afeto não é um sentimento característico do homem; há, a priori, uma impossibilidade estrutural entre

afetividade e atividades profissionais especializadas – começam a desfiar, esgarçando fronteiras e tornando-as não apenas móveis, mas mescladas, amalgamadas, com-fundidas.

Como vimos no campo teórico, os discursos e as idéias nele gestadas parecem ter vida própria, formando sujeitos e instituições. Assim, podemos pensar que, por um longo tempo, essa canonicidade de certos discursos foi proferida e sustentada por diversos atores – homens e mulheres –, em diferentes cenários culturais. E, em razão de habitarmos um tempo e um espaço, ouvimos tais enunciados como sendo naturalmente constituídos por forças divinas e, portanto, ocultas.

Talvez possamos pensar que as forças sejam realmente ocultas, que elas se produzem e reproduzem por meio de estratégias tácitas, e nem sempre transparentes em seus mecanismos estruturais. Contudo, tal “ocultismo” também pode ser colocado em questão, pois vimos que a construção dessas supostas verdades são produzidas e sustentadas por homens e mulheres que as portam e as transportam. Por isso, embora os discursos instituem sujeitos, os sujeitos não são estáticos, eles também produzem discursos e se impregnam dos próprios discursos que produzem.

Talvez, a imagem a ser construída seja feita a partir da soma dos aspectos de gênero e não de subtração ou, valendo-nos do raciocínio de Santos, a equação possa ser reescrita por combinações **e e** e não **ou ou**, que implica exclusão.

Destarte, o fenômeno da “crise” anunciada no cenário educacional pode ser alumiado por um jogo de luz e sombra, e os pontos de convergência e de divergência são percebidos em constante deslocamento. A fala confusa e contraditória de Vítor (Geografia) – a docência “perdeu o brilho... não que eu ache que perdeu o brilho...” – parece ilustrar certa cegueira provisória e a busca de outros focos e outros brilhos.

Buscar maior entendimento, desvelar equívocos, confrontar imagens e discursos, produzir conhecimentos que possam desencadear mudanças ou incitar reinterpretações do cotidiano educativo – mediante o olhar do homem-professor – era nosso principal objetivo.

Nossa proposta não tinha a intencionalidade de buscar uma conclusão lapidada e pronta. Sabíamos das lacunas e fendas existentes nesse terreno. Este fato, contudo, não inviabilizou nossa trajetória. Ao contrário, tornou-a mais potente, por não tentar, em

momento algum, fazer desse texto uma proposição completa e fechada, um discurso da verdade absoluta.

Tendo em mãos um feixe de significados, podemos afirmar que a “crise”, tão alardeada no cenário educacional, embora tenha infinitas possibilidades de leituras e recortes de análise, pôde ser traduzida, neste trabalho, como um momento de grandes transformações e reinvenções de lugares e de relações de gênero. Momento que incide, como intercorrência, na formação e na identidade dos professores pós-modernos.

Professores pós-modernos que, na pluralidade de identidades e possibilidades de ações que encontramos, devem ser olhados como “seres humanos”, seja em corpo de homem ou de mulher, albergando masculinidades e feminilidades. O que está posto, ainda que provisoriamente, a partir desse raciocínio, é que a docência não pode mais ser compreendida como feminina, pela grande presença de mulheres neste espaço, e que novas configurações do trabalho docente, para além da feminização, fazem-se urgentes e necessárias.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã/Fapesp, 1999.

CARVALHO, Marília Pinto de. *O conceito de gênero: uma leitura*. basenos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009). *Rev. Bras. Educ.*, Abr 2011, vol.16, no.46, p.99-117.

CARVALHO, Marília Pinto de, LOGES, Tatiana Avila and SENKEVICS, Adriano Souza. *Famílias de setores populares e escolarização: acompanhamento escolar e planos de futuro para filhos e filhas*. *Rev. Estud. Fem.*, Abr 2016, vol.24, no.1, p.81-99.

CARVALHO, Marília Pinto. Falando sobre gênero e educação. Entrevista NZago LP Paixão – Revista Pedagógica , 2014 – bell.unochapeco.edu.usp

GONÇALVES, Marco Antonio. *Produção e significado da diferença: re-visitando o gênero na Antropologia*. Lugar Primeiro, nº 4 – PPGSA – IFCS – UFRJ, 2000.

GORZONI, Sílvia De Paula and DAVIS, Claudia. *O conceito de profissionalidade docente nos estudos mais recentes*. *Cad. Pesqui.*, Dez 2017, vol.47, no.166, p.1396-1413.

LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana Viadre e NECKEL, Jane Felipe. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MELUCCI, Alberto. Sociedade complexa, identidade e ação coletiva – entrevista a Dalila Pedrini e Adrian S. *Cadernos do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Movimentos Sociais – movimentos sociais na contemporaneidade*. São Paulo, PUC – Serviço Social, nº 2, p. 11-63, abr. 1997.

\_\_\_\_\_. *Invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. *O enigma da igualdade. Rev. Estud. Fem.*, Abr 2005, vol.13, no.1, p.11-30.

VIANNA, Cláudia. *Os nós do nós: crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo. São Paulo: Xamã, 1999.*

\_\_\_\_\_. *Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder - Cadernos pagu, 2009.*

\_\_\_\_\_. *A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.*

NÓVOA, António. *Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. Cad. Pesqui.*, Dez 2017, vol.47, no.166, p.1106-1133..

\_\_\_\_\_. *Em busca da liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em educação? Educ. Pesqui.*, Mar 2015, vol.41, no.1, p.263-272.